

DISCURSO – PEDRO CRUZ

Vocês estão na terra de uma pessoa que teve a iniciativa e o pioneirismo de - junto com outros companheiros e companheiras - fundar o Movimento Popular em Saúde. É na Paraíba e no Brasil uma das principais referências para a construção do cuidado integral à saúde a partir do saber popular, do saber da experiência, de toda produção de vida que esse saber pode trazer. Vocês estão na tenda de Palmira Lopes. Vocês também estão numa terra que é acolhedora para quem vem de outras terras. E para quem vem de outras terras, também desde os anos 70 trabalhado com saúde popular, com medicina comunitária, insistindo que é possível construir outros caminhos educativos, pedagógicos, sociais, científicos, alternativos aos hegemônicos. Vocês estão na terra de um mineiro paraibano, Eymard Vasconcelos.

E vocês estão na terra de uma mestra, educadora popular, agente comunitária de saúde, redutora de danos, terapeuta comunitária, que ensinou centenas de pessoas a partir de seu saber - e que esse ano foi para outro plano, mas deixou um legado que vai com a gente pra onde a gente for – quero nesse momento agradecer à Eulina Pereira Ferreira.

Vocês estão na terra de pessoal lutador, solidário, gente guerreira com intencionalidade política e emancipadora. A gente aqui não se contenta com a exclusão e a gente vai até onde a gente puder, sem ferir nenhum princípio ético-humanista para enfrentar o que oprime, o que exclui e construir novos caminhos.

Esse congresso foi tornado possível a partir de uma Comissão Organizadora Local extremamente presente. A gente se reúne há 3 anos: a gente construiu várias comissões para que a gente pudesse acolher vocês da melhor forma possível.

Está aqui a Saúde Coletiva da Paraíba! Estudantes, professoras, professoras, movimento social, pós-graduando, profissionais de saúde... somos todos Paraíba!

Agradecer às monitoras e monitores imensamente – obrigada por toda dedicação.

Agradecer a um Brasil de gente e de instituições compromissadas com o direito à saúde e com a educação pública e de qualidade.

Agradecer ao PPGE, linha de educação popular: acolheram nosso congresso desde o início. A Comissão de Ciências Sociais e Humanas em Saúde da Abrasco, é um fruto de

um namoro entre o GT de educação popular e a comissão. Agradecer ao companheiro Martinho, à Tatiana Gerhardt e Roseni Pinheiro.

Agradecer à Abrasco que luta incansavelmente pela defesa intransigente do direito a saúde de todas as pessoas.

Agradecer ao Gastão Wagner, nosso ex-presidente, que começou a construção do congresso, abriu as portas, assim como nos deu condição, apoio, confiança e solidariedade a nossa presidenta Gulnar Azevedo.

Orgulho de estar na universidade nordestina paraibana. Aqui na Paraíba a gente contribui para o pensamento crítico no Brasil e no mundo. A gente não se acomoda: todo nosso ato de pesquisa, extensão e ensino aponta caminhos - éticos, políticos, epistemológicos - nós queremos pensar como a gente pode construir outras possibilidades, e como a gente pode construir isso junto.

Aqui na UFPB, e em todas as universidades do nordeste, a gente produz tecnologias, estratégias, conhecimentos e elementos materiais para o aprimoramento da vida. Ciência e inovação de alta qualidade. Assim também como a gente propõe teorias e metodologias para a produção do conhecimento na pesquisa, na ação social e na formação profissional.

Vocês estão em uma universidade com história de mais de 60 anos, marcados por uma clareza epistemológica muito definida. Nosso ponto de partida é a realidade social e suas contradições – e suas determinações. A pesquisa brota da realidade, o ensino é provocado pelo que pulsa, pelo que vibra na realidade social. A nossa extensão é o caminho pelo qual a gente pode fazer a conexão entre a pesquisa e o ensino e a realidade social, o chão do cotidiano.

Uma universidade onde o ponto de partida é o chão do cotidiano, para os territórios da vida, para a tecelagem, onde as pessoas de forma complexa, multifacetada, e diversificada constroem seus processos de saúde e doença e convivem a todo momento com o que Paulo Freire denominou de “situações limites”. É indo na realidade, na tecelagem da vida, no chão do cotidiano que a gente vai construir o que Freire também chamou de “inéditos viáveis”. A mudança é possível! E não é mudança para qualquer coisa, é mudar para processos humanizadores, mudar pra dignidade da vida das pessoas. E a gente faz isso

tendo clareza de que é necessário não apenas observar e conviver, mas protagonizar processos que tenham uma utilidade - profundamente humanizadora

É com diálogo intercultural, entendendo que vamos dialogar com saberes populares, com as outras ciências, os outros sabores científicos, e vamos dialogar também com o misterioso, o que a gente não faz nem ideia...isso é conhecimento. Não estamos a passeio não, viu? Estamos aqui porque temos intencionalidade política, que está na aplicação edificante da ciência. Não nos basta fazer por fazer, podemos até ter um currículo bom, mas como consequência do processo de mudança para que a gente consiga contribuir com o processo de felicidade das pessoas. Queremos justiça social, igualdade nas diferenças.

Também vou aproveitar para dizer um necessário não ao “Future-se”. Essa estrutura toda só tem sentido se for socialmente referenciada. As pessoas em processo de exclusão, que estão em mutirão lutando pela vida, são protagonistas, e temos que aprender com elas para com elas construir o processo de mudança.

Que o congresso seja um espaço de encontros humanos autênticos e profundos. Que o congresso possibilite a criação de contextos de dialogo crítico, autocrítico e propositivo, queremos sair daqui pensando caminhos pra frente, alternativas. Que o congresso seja mobilizador de atitudes organizativas de uma agenda pública não meramente alternativa, mas alterativa, mudar, criativa, inovadora

Não aceitaremos nenhum retrocesso civilizatório. A civilização tem que olhar pra frente. Não iremos parar. Responderemos à barbárie com o pensamento crítico, experiências comunitárias, trabalhos sociais, processos formativos, pesquisas e estudos. Com mobilização, organização, participação popular. Com um diálogo autêntico, fraterno e solidário com a população em suas buscas de ser mais que a população tem. A população sabe o que quer, tem voz de sentir, pensar e agir que precisamos escutar.

É no diálogo com as pessoas que está o caminho de construção. Com respeito e inclusão protagônica de seus modos de viver, seus sentires, seu pensares seus agires no tear, no tecer da pesquisa, da formação e da ação social. Vamos ao trabalho.